

**ANÁLISE DA ADOÇÃO DA ASG (AMBIENTE, SOCIAL E GOVERNANÇA) NO
MERCADO BRASILEIRO E INTERNACIONAL**

**ANALYSIS OF ESG (ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE)
ADOPTION IN THE BRAZILIAN AND INTERNATIONAL MARKET**

Aline Januário Farias¹

Nicolý Barreiros²

“To prosper over time every company must not only deliver financial performance, but also show how it makes a positive contribution to society.” (Laurence D. Fink, CEO da Blackrock).

Resumo: A nova tendência gerada pela adoção de um conjunto de práticas ambientais, sociais e de governança chamada ESG (em português ASG – Meio Ambiente, Social e Governança), vem ganhando espaço no mercado brasileiro, à medida que se consolida na Europa e nos Estados Unidos. Com isso, é possível identificar uma transformação global, mediante uma maior transparência das empresas com relação a adoção de políticas sustentáveis, sociais e de governança. Propomos neste breve estudo uma análise de como as grandes companhias, à nível nacional e internacional, estão se adaptando à ESG e como o mercado vem respondendo a adoção de tais práticas. Por fim, será realizada um pequeno estudo de casos práticos, para análise dos principais desafios enfrentados pelo Brasil para consolidação das práticas ESG.

Palavras-chave: Responsabilidade social corporativa – Grandes Companhias – ESG – Ambiental – Sustentabilidade – Social – Governança.

Abstract: The new trend caused by the adoption of a set of environmental, social, and governance practices called ESG (an acronym for environmental, social, and governance), has been gaining ground in the Brazilian market as it consolidates in Europe and United States. Thus, it is possible to identify a global transformation, through greater transparency of companies regarding the adoption of sustainable, social and governance policies. We propose in this brief study an analysis of how large companies, at the national and international level,

¹ Graduada em Direito pela PUC/SP. LLM em Direito Societário no INSPER em andamento (previsão de conclusão abril/2022) (alinejanuario02@gmail.com).

² Bacharelado em Direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie (nicolyvbarreiros@gmail.com).

are adapting themselves to ESG and how the market has been responding to the adoption of such practices. Finally, a small study of practical cases will be carried out to analyze the main challenges faced by Brazil to consolidate ESG's practices.

Keywords: Corporate social responsibility - Corporations - ESG - Environmental - Sustainability - Social - Governance.

Sumário: Introdução – 1. Contexto Histórico – 2. Responsabilidade Social Corporativa: Conceito e Princípios – 3. Reflexos da Adoção da ESG no Brasil, nos EUA e na Europa – 4. Análise de Casos e Implementação das Práticas ESG – 5. Conclusão - 6. Bibliografia.

INTRODUÇÃO

A globalização – processo histórico, advindo da inovação do homem e do avanço tecnológico – resultou em uma integração econômica, social, cultural e política, acentuando a complexidade dos negócios e ensejando o aumento da competitividade entre as empresas.

O referido processo histórico também evidenciou as lacunas derivadas da exploração ambiental e de um sistema desigual de distribuição de riquezas, obrigando a criação de novas abordagens para o desenvolvimento econômico-social. Esses fatores, em conjunto com a situação econômica mundial, demonstram a necessidade de novos referenciais na gestão dos negócios, e de uma abordagem mais inovadora, que possa ser aplicada nos dias atuais.

Nesse contexto, as boas práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) estão sendo identificadas como oportunidades de resultados positivos derivados de investimentos em questões sociais, e sendo incluídas nos planos de gestão das empresas para aprimoramento e competitividade, na medida em que as decisões realizadas pelas grandes companhias não podem mais se basear unicamente em auferir lucro, sem considerar o real impacto de suas atividades no cenário ambiental e social.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

A ideia de que as entidades empresárias possuem um papel a cumprir perante a sociedade civil vem ganhando força nos últimos anos. A literatura a respeito da teoria da responsabilidade social teve seu início em 1950, quando Bowen (1957)³, considerado o pai da teoria, apresentou a ideia de que os “homens de negócio” possuem responsabilidades perante a sociedade civil, caracterizando as empresas como centros vitais de poder e de tomadas de decisão. Bowen

³ BOWEN, Howard R. Responsabilidades Sociais do Homem de Negócios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 03-07.

afirma que a responsabilidade social contém uma verdade importante que deve guiar os negócios do futuro.

Uma década depois, Keath Davis⁴ publicou artigo defendendo que, em razão de uma sociedade mais desenvolvida em suas ciências, passaram a existir novos conhecimentos sobre como os negócios afetam as diferentes camadas da sociedade. Além disso, ele argumenta que a responsabilidade dos empresários emana da quantidade de poder advindo do seu capital e que *“as responsabilidades sociais dos empresários precisam ser proporcionais ao seu poder social”*, concluindo que *“evitar a responsabilidade social leva à erosão gradual do poder social”*.

A partir dos anos 70, o foco do debate a respeito da Responsabilidade Social Corporativa (“RSC”) foi centrado em problemas como pobreza, desemprego, desenvolvimento e distribuição de renda. Em razão disso, houve nova mudança no papel social entre os negócios e a sociedade, o que gerou o envolvimento das organizações com os movimentos ambientais, preocupação com a segurança do trabalho e regulamentação governamental.

É um consenso entre os autores que as empresas devem possuir interesse pela política e pelo bem-estar da comunidade, e que as mudanças contínuas da sociedade alteram as expectativas sociais, alterando o contrato social entre a sociedade e as empresas.

Diante do surgimento do conceito de RSC, proporcionado pela ideia de que as empresas deveriam alinhar seus custos privados ao custo social, novos debates acerca do tema foram desenvolvidos. A RSC, por sua vez, não estipulava diretrizes e código de conduta vinculantes, servindo apenas como parâmetro de orientação de boas práticas e como modelo para os países desenvolverem sua própria lei sobre esta matéria, ou seja, tal prática era totalmente voluntária.

A preocupação crescente do mercado quanto ao desenvolvimento sustentável e social, no entanto, continuou a persistir, dando origem, portanto, em 2004, ao termo ESG, o qual, a princípio teve pouco impacto no mercado, mas que recentemente passou a fazer parte de uma agenda estratégica de companhias de diferentes setores, para fins de tomada de decisões financeiras e de investimentos.

As boas práticas determinadas pela ESG atingiram inicialmente a Europa e os Estados Unidos, de modo que, atualmente, ainda que em menor escala, já tem causado reflexos positivos no mercado brasileiro.

Segundo dados divulgados pela Diretora ESG da XP, Sra. Marta Pinheiro, no Valor Econômico, os investimentos responsáveis, pautados na ESG, já ultrapassam os US\$ 31

⁴ CARROL, A.B., 1979. Corporate Social Responsibility - Evolution of a Definitional Construct; BUSINESS & SOCIETY, Vol. 38 No. 3, September 1999.

trilhões, o equivalente a 36% de todos os ativos sob gestão no mundo, de acordo com dados do *Global Sustainable Investment Alliance*. Enquanto no Brasil, a referida categoria ainda representa 12% dos fundos de ações e 1,3% do total da indústria de fundos (o que inclui fundos de ações, multimercado, renda fixa, cambiais, previdência e ETF).⁵

Nesta conjuntura, é possível afirmar que, atualmente, a ESG é o novo paradigma de negócios que prevalece no mercado. Diversas empresas, principalmente de capital aberto, já perceberam que, ao contrário, da tendência da RSC surgida nos anos 70, a ESG já não é mais voluntária, mas sim vinculante e obrigatória.

2. RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA: CONCEITO E PRINCÍPIOS

Para fins de compreensão da evolução das boas práticas introduzidas pela ESG no mercado brasileiro e internacional, é necessário analisar o fenômeno empresarial que surgiu na década de 70, isto é, a Responsabilidade Social Corporativa (“RSC”), que representou uma tentativa de integrar: valor, equilíbrio e responsabilidade.

Neste cenário, ficou definido que o valor estaria atrelado ao oferecimento de benefícios pelas grandes companhias à sociedade; o equilíbrio, por sua vez, das empresas e dos consumidores; enquanto a responsabilidade consistiria na prestação de contas à sociedade.

No Brasil, os primeiros estudos acerca da RSC surgiram no final da década de 1970, sob a autoria de Gonçalves e Six (1979), publicado na Revista de Administração de Empresas (RAE), Gonçalves (1979) e Toledo e Santos (1979), publicados na Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP). Tais estudos, todavia, não abordaram de forma clara sobre o tema, apenas fizeram uma análise da empresa como ferramenta de gestão e estudaram os efeitos do marketing na sociedade em geral.

Ao longo dos anos, foi possível identificar uma heterogeneidade de pensamentos sobre o tema, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. No entanto, a RSC, por sua vez, se mostrou aplicável pelas companhias apenas na forma de discurso, isto é, muito se discutia na teoria sobre os impactos da sua implementação para o comportamento social corporativo.

O avanço do tema no Brasil se mostrou bastante lento, em comparação aos EUA e a União Europeia, onde a pesquisa sobre RSC já estava muito mais desenvolvida. Na Europa foi desenvolvido um estudo que demonstrava a relação de interdependência entre responsabilidade

⁵<https://valor.globo.com/financas/coluna/esg-e-para-valer-e-veio-para-ficar.ghtml>. Acesso em 23/06/2021.

social com outros temas como a ética empresarial, cidadania corporativa, gestão e sustentabilidade.

Neste contexto, considerando a crescente discussão sobre o tema no âmbito internacional, a sigla ESG começou a se consolidar no mercado brasileiro, de modo que, até mesmo a BM&BOVESPA passou a priorizar recentemente os conceitos de responsabilidade social e de sustentabilidade como premissa de que entidades, públicas ou privadas, assim como indivíduos, desenvolvam compromissos também com a sociedade.

3. REFLEXOS DA ADOÇÃO DA ESG NO BRASIL, NOS EUA E NA EUROPA

Com relação a adoção da ESG no Brasil, investidores e analistas tem se mostrado cada vez mais atentos à maneira como as companhias lidam com as questões socioambientais e de governança corporativa, passando a adotar critérios correlatos nas análises de investimentos e na tomada de decisões.

No Brasil, estudos demonstram que mais de 85,4% dos gestores de investimentos do país sabem o que é ESG e usam os critérios para tomada de decisões, apresentando, deste modo, um crescimento exponencial nos últimos anos.

Neste contexto, as grandes companhias, principalmente de capital aberto, estão constituindo Comitês específicos de sustentabilidade, para adoção de estratégias ligadas aos temas da ESG, de modo que já é possível identificar nos formulários de referências destas companhias, menções aos programas sociais implementados, diretrizes de desenvolvimento regional, práticas sustentáveis e transparência das atividades desempenhadas por tais empresas, conforme os padrões estabelecidos pela *GRI – Global Reporting Initiative*.

Em 2020, 11 (onze) empresas brasileiras passaram a integrar as novas carteiras do índice de Sustentabilidade Dow Jones (Dow Jones Sustainability Index – DJSI), que foi criado em 1999 e reúne ações de companhias do mundo todo, que adotam boas práticas de governança, sustentabilidade, responsabilidade ambiental e social. As companhias brasileiras que integram a referida lista, por sua vez, são: Klabin S.A., Banco Bradesco, Banco do Brasil, Suzano S.A., Lojas Renner, Embraer, Cemig, dentre outras.⁶

Embora o número de companhias brasileiras adeptas à ESG ainda não seja tão expressivo, é possível afirmar, todavia, que o Brasil está no início da caminhada para a implementação de boas práticas. Neste sentido, Carlos Takahashi, presidente e membro do comitê executivo regional da Blackrock Brasil dispõe o seguinte sobre o tema:

⁶ <https://investnews.com.br/financas/brasil-tem-7-empresas-no-indice-dow-jones-de-sustentabilidade-global-veja-lista/> Acesso em 19.06.2021.

“De modo geral, temos US\$ 45 bilhões investidos em empresas brasileiras e atuamos para que essas implementem boas práticas de ESG. Perguntamos como elas planejam a redução ou mesmo zerar a emissão de carbono, por exemplo. E temos incluído o tema diversidade para avaliar o que tem corrido nos conselhos das empresas”⁷

Neste contexto, é possível ressaltar que há décadas, o conceito de responsabilidade social corporativa vem sendo estudado e discutido, de modo que a ESG não é um tema novo no Brasil, tampouco nos outros países.

No entanto, de modo geral, é a primeira vez que as companhias entendem que os negócios não existem para dar lucro e retorno aos acionistas, mas sim como mecanismo de transformação social, cujo propósito também é gerar valor para todos inseridos na sociedade.

Ademais, é importante ressaltar que as novas gerações de investidores demandam opções de investimento que gerem impactos positivos perante a sociedade, motivo pelo qual a procura por modelos financeiros e produtos sustentáveis tem sofrido um aumento significativo.

Sob a perspectiva internacional, é possível auferir que a implementação da ESG vem crescendo em ritmo acelerado, pois as novas práticas propostas pela ESG impactam diretamente na tomada de decisões dos investidores, o que reflete diretamente na competitividade entre as grandes empresas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o investimento sustentável ganhou destaque considerável no ano de 2016. Tanto que o próprio CEO da BlackRock escreveu uma carta aberta aos presidentes globais das grandes companhias, com a seguinte mensagem:

“Gerar retornos sustentáveis ao longo do tempo requer um foco mais nítido não apenas na governança, mas também nos fatores ambientais e sociais enfrentados pelas empresas. A BlackRock tem empreendido um esforço de vários anos para integrar as considerações da ESG em nossos processos de investimento e esperamos que as empresas tenham estratégias para gerenciar essas questões.”⁸

Com a vitória presidencial do Donald Trump, a pauta da ESG, por sua vez, não foi tratada como prioridade, pelo contrário, o referido presidente buscou prejudicar os fluxos com regulamentações contrárias aos princípios e conceitos propostos pela ESG. Se por um lado, diversos progressos foram feitos com relação a esse tema no governo Obama, por outro, pode-

⁷ <https://valorinveste.globo.com/objetivo/hora-de-investir/noticia/2021/05/27/brasil-ainda-esta-no-inicio-mas-esg-e-caminho-sem-volta-diz-takahashi-da-blackrock.ghtml>. Acesso em 19.06.2021.

⁸ <https://www.blackrock.com/br/larry-fink-ceo-letter>. Acesso em 22.06.2021

se dizer que os EUA tiveram 4 (quatro) anos perdidos de progresso adicional, devido aos obstáculos apresentados pelo presidente Trump.

Assim, mesmo diante desse contexto, os EUA se mostraram capazes de implementar as práticas propostas pela ESG. Há evidências claras que nem mesmo os investidores famosos de Wall Street estão imunes à tendência do mercado, de modo que todos sofrerão a mesma pressão, para compartilhamento de relatórios ESG, tal como vem ocorrendo com Warren Buffett.⁹

Além disso, de acordo com o último relatório bienal do Fórum para o Investimento Sustentável e Responsável dos Estados Unidos (US SIF), 33% de todos os ativos dos EUA estão direcionados para o investimento ESG.

A União Europeia, por outro lado, já manifestou preocupação com a criação de um marco legal para as práticas ESG, por temor que o conceito seja reduzido a uma mera ferramenta de marketing e promoção pessoal das grandes companhias.

Neste contexto, tendo em vista o crescimento constante da ESG entre os países integrantes do bloco europeu, a União Europeia vem discutindo a introdução de novas regras, a fim de tornar o controle mais rígido, obrigando as empresas de investimentos, portanto, a demonstrarem que levam a sustentabilidade a sério.

Além disso, essa nova regulamentação fará com que as companhias se preocupem mais com as questões ESG, sob o risco de perderem capital dos investidores.

4. ANÁLISE DE CASOS E IMPLEMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS ESG

(a) Carrefour

Em novembro de 2020, João Alberto Silveira Freitas, um homem negro, foi brutalmente assassinado dentro de uma das unidades do Carrefour em Porto Alegre por dois de seus seguranças, às vésperas do Dia da Consciência Negra.

O caso evidenciou um histórico de ocorrências de violência nas dependências do Carrefour ou por seus funcionários, trazendo ao debate as problemáticas do racismo estrutural, da precarização do trabalho e da segurança privada.

Após grande comoção nacional, pressão de investidores, e perda de R\$ 2 bilhões em valor de mercado na B3, o Carrefour fechou acordo com instituições de justiça de R\$ 115 milhões a serem revertidos para a causa antirracista, e baniu a terceirização das contratações de segurança privada para as suas unidades. Além disso, o Carrefour apresentou ações para a inclusão de cláusula antirracista nos contratos com todos os seus fornecedores, criação de uma

⁹ <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/05/desprezo-de-buffett-por-metas-esg-incomoda-wall-street/>. Acesso em 22.06.2021.

ouvidoria, campanhas de combate ao racismo e verbas para o desenvolvimento do empreendedorismo negro.

(b) Shell

Em decisão histórica, o Tribunal Distrital de Haia considerou a Shell parcialmente responsável pelo aquecimento global, em ação judicial movida pela organização *Friends of the Earth*, junto a outras 6 organizações e outros 17 mil cidadãos holandeses.

Na decisão, a Corte de Haia determinou que a Shell reduza suas emissões de CO2 em 45% até 2030, em conformidade com as metas do Acordo de Paris. O juiz entendeu que a falta de compromissos climáticos da empresa viola os direitos humanos.

Além disso, a Shell também está enfrentando processos por irregularidades em operações na Nigéria. Em janeiro, o Tribunal de Haia responsabilizou a Shell por vazamentos de petróleo no Delta do Niger, e condenou a empresa ao pagamento de multas. Por consequência disso, a Shell anunciou o encerramento das atividades da Shell Nigéria, em operação a mais de 50 anos.

(c) Natura

A Natura possui mais de 35 anos de atuação no setor de higiene, perfumaria e cosméticos. Após ter consolidado a sua atuação no Brasil, iniciou a sua expansão para a América Latina em 1982, alcançando o mercado Europeu em 2005.

Desde 2001 a Natura vem sendo apontada nos Indicadores Ethos de Responsabilidade Social, por suas medidas de adequação de políticas alinhadas com a ESG, como (i) a diminuição de 12% nos resíduos decorrentes da fabricação de produtos; (ii) a substituição do plástico pelo papel reciclado nas embalagens dos produtos encaminhados às consultoras; (iii) a certificação em “Práticas Socioambientais Responsáveis” para fornecedores; (iv) o desenvolvimento do Programa de Qualidade de Vida para os colaboradores visando saúde física e mental, integração social e familiar, ambiente de trabalho, cultura e lazer; (v) a criação do Projeto Crer para Ver, onde revertia os valores da venda de produtos pelos fornecedores para investimento em escolas públicas; e (vi) a participação e confirmação no Pacto Global (Global Compact`s Leaders) entre as grandes corporações e as Nações Unidas.

A Natura se tornou uma empresa modelo de sucesso na aplicação das normas de responsabilidade social como ferramenta para superar os desafios da humanidade, tendo sido eleita em 2006 a empresa mais admirada pelos executivos do seu setor. Sua reputação, alinhada

com os padrões internacionais de ESG, facilitaram o seu acesso aos novos mercados, e novos consumidores.¹⁰

(d) JBS S.A.

Em meados de 2020, a JBS foi retirada da carteira de investimentos do fundo bilionário europeu, *Nordea Asset Management*, que controla um fundo de 230 bilhões de euros, por falta de políticas sustentáveis de uma das maiores produtoras de carne do Brasil, bem como pelo envolvimento da empresa com casos de desmatamento, corrupção e fornecimento de más condições de trabalho aos seus colaboradores ao longo da pandemia da Covid-19.

Como resposta aos investidores e ao mercado, a JBS se comprometeu a reduzir as suas emissões de carbono, tanto nos processos produtivos quanto na logística de transporte, priorizando o uso de fontes renováveis de energia. Além disso, apresentou um plano de 5 anos para rastreio dos seus fornecedores na Amazônia monitorar possíveis fornecedores indiretos de gado advindo de áreas desmatadas ilegalmente.

5. CONCLUSÃO

Conforme procuramos demonstrar ao longo desse breve estudo, acreditamos que as práticas impostas pela ESG vieram para ficar, tornando-se, portanto, uma realidade que deverá ser acompanhada por todas as companhias, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional.

No entanto, é interessante ressaltar que o Brasil, particularmente, ainda possui muitos desafios a serem superados, na medida em que há uma ausência de políticas sérias sobre as matérias propostas pela ESG, a saber, meio-ambiente, social e governança.

Não podemos dizer, todavia, que as empresas não estão se esforçando para fazer parte dessa nova tendência. Contudo, é notável que ainda falta um marco legal que: (i) torne o cumprimento da ESG obrigatório, ao invés de voluntário; e (ii) defina os conceitos principais sobre as matérias ali impostas, a fim de impedir que as empresas se utilizem da ESG como ferramenta de marketing e promoção pessoal dos seus diretores.

Acreditamos que a aprovação, pela União Europeia, da primeira norma internacional que estabelecerá obrigações e responsabilidades para as empresas relativas ao respeito pelos direitos humanos e o ambiente, irá refletir positivamente no mercado brasileiro, na medida em

10 Ribeiro Serra, Fernando A.; Albernaz, André; Portugal Ferreira, Manuel A RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO FATOR NA ESTRATÉGIA INTERNACIONAL: O ESTUDO DO CASO NATURA READ - Revista Eletrônica de Administração, vol. 13, núm. 4, diciembre, 2007, pp. 17-39.

que muitas empresas brasileiras fazem parte da cadeia de produção e/ou fornecimento de companhias europeias.

Assim, sendo mais ousadas, podemos dizer que as empresas brasileiras adotarão as políticas ESG, seja voluntariamente ou compulsoriamente, uma vez que estas poderão sofrer desinvestimentos por parte de investidores estrangeiros, tal como ocorreu com a JBS.

Portanto, nossa visão para o futuro quanto a esse tema no Brasil é bastante otimista, pois, conforme mencionado neste estudo, muitas empresas brasileiras já estão se preocupando com os rankings internacionais de sustentabilidade e adotando mecanismos que visam diminuir o desmatamento, a emissão de gás carbono, a desigualdade, a corrupção, o fornecimento de más condições de trabalho aos seus colaboradores, dentre outros.

Sendo assim, é possível afirmar que essa é uma tendência que veio para ficar e para transformar o mercado de capitais para melhor.

6. BIBLIOGRAFIA

BOWEN, H. R. (1953). Social responsibilities of the businessman. New York: Harper & Row.

Bowman, E. H., & Haire, M. (1975). A strategic posture toward corporate social responsibility. *California Management Review*, 18, 49-58.

DAVIS, K. (1967, Winter). Understanding the social responsibility puzzle: What does the businessman owe to society? *Business Horizons*, 10, 45-50.

CARROLL, Archie B. Corporate Social Responsibility. *Business and Society*, Chicago, Volume 38, p. 268-.295, 1999

BNDES. Empresas, responsabilidade corporativa e investimento social. Rio de Janeiro: Relato Setorial n. 2. BNDES - Área Social da Gerência de Estudos Setoriais (AS/GESET), mar. 2000

BORGER, Fernanda Gabriela. Responsabilidade Social: Efeitos da Atuação Social na Dinâmica Empresarial. Tese de Doutorado apresentada na FEA-USP, Departamento de Administração. São Paulo, 2001.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. GREEN PAPER: Promoting a European framework for Corporate Social Responsibility. Brussels, 2001.